

“**E**nvolvendo trabalho, política, imaginário, saúde, cultura, redes, desejos, gênero, etc. desde Marcel Mauss ([1950], 2005) e Abdelmaleck Sayad (1998) se compreende a migração como um fato social total. Isto é, um fato histórico que preserva características sociais e sociológicas próprias, mas que alcança e envolve as mais diversas relações institucionais e sociabilidades cotidianas de migrantes e não migrantes.

A mobilidade do trabalho (Jean-Paul de Gaudemar, 1977) há tempos constitui um dos principais fatores das migrações. Mais recentemente, embora perceptíveis já há algum tempo, políticas migratórias laborais transnacionais (Battistella, 2015), guerras, conflitos étnicos e religiosos, mudanças climáticas e orientação sexual têm se destacado como motivações relevantes de fluxos migratórios e como chaves de análise para a sua melhor compreensão e formulação de políticas públicas voltadas à migrantes, apátridas, deslocados e refugiados.

Nesse contexto, a sexualidade se destaca como um fator que impulsiona grandes eventos, rotas migratórias, afirmação da cultura de urbanidade e o surgimento de “regiões morais”, isto é, territórios abertos, pouco abertos ou muito fechados, refratários a interações sociais, comportamentos e manifestações de orientações sexuais, como a não heterossexualidade. Através de seus colaboradores, Travessia pretende contribuir nesse debate.

Nesta edição, publicamos o dossiê “Migração, sexualidade e identidade de gênero” composto por textos de Isadora Lins França (*Vivendo em liberdade? Homossexualidade, diferenças e desigualdades entre brasileiros na Espanha*); Vítor Lopes Andrade (*Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero*) e Fernanda Martinelli Sobreira (*Refugiados LGBTI no Brasil*). Estes autores nos apresentam reflexões teóricas amalgamadas à situações empíricas reveladoras de ações coletivas e institucionais que ora atraem, acolhem ora bloqueiam, rechaçam imigrantes e refugiados por orientação sexual.

Mas, o que buscam esses imigrantes? Os autores apontam para a busca por liberdade de expressão da sexualidade negada ou bloqueada nas sociedades de origem. Porém, na imigração o alcance dessa Liberdade pode ocorrer de forma contraditória, ambígua. A ruptura com situações de

preconceito e discriminações da sociedade de origem é descompensada pelas dificuldades de acesso à documentação, pelo sofrimento com a xenofobia, com o trabalho precarizado, criminalizado, posto que informal, principalmente desumanizado, mas sempre demandado por autóctones e turistas privilegiados em todo o mundo.

Marc Augé (2010) fala mesmo em “escândalo do turismo” nas frequentes situações em que essa atividade é desenvolvida com base no consumo a-histórico de paisagens, ruínas, objetos, animais, “lugares exóticos”. Podemos apontar ainda para a exploração sexual de adolescentes amparada no déficit de fiscalização, na impunidade e na servidão por dívida; para populações marginalizadas que são visitadas como Zoo humano.

A imigração, vista na perspectiva da orientação sexual e identidade de gênero, propicia o surgimento de “regiões morais” como espaços de interação entre imigrantes, turistas, empresários e estimulam a propulsão de atividades culturais, políticas, laborais, turísticas, como o Circuit Festival de Barcelona. Este festival atrai turistas e imigrantes trabalhadores heterossexuais, mas principalmente não heterossexuais que, ao lado do trabalho, têm entre as principais motivações de sua imigração a busca por liberdade de expressão da sexualidade.

Em se tratando de migrantes e refugiados devido a sua orientação sexual e considerando a afirmação de uma cultura de urbanidade, os autores indicam que esses migrantes podem ser vistos como pessoas que imaginam os grandes centros urbanos como depositários da possibilidade de liberdade e anonimato. Nos países de liberdade e anonimato imaginados, há turistas e migrantes que expressam mais ativamente a sua não heterossexualidade e, em vários casos, trabalham como “chaperos”, “michês”, “Gogo boys”, atividades estas que lhes possibilitam organizar as condições materiais de vida, mas que, muitas vezes, também são percebidas como prostituição masculina. Isto faz com que a liberdade imaginada possa ser inatingível ou seja contraditória em relação ao que se busca e ao que é concretamente vivido. O Dossiê mostra também a existência de migrantes que abrem mão dessa orientação sexual para conseguir trabalho remunerado, sendo este o princípio motivador de sua migração, a despeito de viverem como heterossexuais em seus países de origem.

Isadora L. França analisa situações no Brasil e na Espanha, especialmente em boates de São Paulo e no *Circuit Festival* de Barcelona. Vítor L. Andrade e Fernanda M. Sobreira apresentam abordagens teóricas mais gerais e enfocam situações empíricas no Brasil entrevistando imigrantes e autoridades públicas competentes ao tema migração e refúgio LGBTI.

Ainda merece destaque social e sociológico a solicitação de refúgio sob justificativas de direitos e ameaças de morte devido à orientação sexual e identidade de gênero. Situação esta que é analisada com maior ênfase no artigo de Fernanda M. Sobreira. De acordo com a autora, há solicitantes de refúgio que, embora sofram violações de direitos ou criminalizações devido à sua identidade de gênero e orientação sexual, omitem essa real motivação apresentando outras justificativas como perseguição política, religiosa, cultural.

O que explicaria a omissão da real motivação da solicitação de refúgio? Para Fernanda Sobreira trata-se do temor dos solicitantes de revelarem a sua identidade de gênero ou orientação sexual e tornarem-se alvos muito visíveis a rechãos e ataques preconceituosos na sociedade de refúgio, seja por parte das pessoas autóctones, de outros imigrantes ou ainda eventuais compatriotas que também vivam nessa sociedade e sejam intolerantes à orientação sexual revelada. Ademais, a autora aponta que há pedidos de solicitação, cuja real motivação é ocultada em razão do medo do solicitante de se apresentar como não-heterossexual; medo de que tal orientação seja vista como uma doença; como um crime, já que em 78 países ela é criminalizada e sofre punições que vão de chibatadas até a pena de morte, inclusive por apedrejamento.

Como essa questão atinge atores institucionais (Estados, comitês, conselhos, etc.) na formulação de políticas públicas que atendam as necessidades concretas desses imigrantes e refugiados devido a sua orientação sexual? Como os movimentos sociais percebem e reivindicam direitos para um grupo social até pouco tempo não reconhecido como sujeito de direitos ou sem nenhum direito em muitos países?

No plano político e analítico, o enfoque do Dossiê apresenta um claro movimento de suplantação do caráter economicista preponderante em determinadas correntes teóricas como a da “atração e repulsão” ou “push-pull” de migrantes (Ravenstein [1885] (1980), Jackson, 1991)

que priorizam a análise de fatores econômicos produtivos tidos como determinantes da origem, do destino e dos sujeitos das migrações. Esse movimento estimula e amplia o campo epistemológico sobre a migração e chama a atenção para novos horizontes teóricos e metodológicos, a partir dos quais se pode divisar outros fatores como o imaginário, territórios morais, gênero, afetividade, sexualidades articuladas às questões clássicas como documentação, raça, etnia, classe social e trabalho antes consideradas quase que como exclusividade nas pesquisas.

Outra proposta nas entrelinhas dos textos que compõem o dossiê é a investigação dessas questões com base em um “nó analítico e metodológico” que as aglutina, sem tampouco confundir as suas especificidades individuais como diriam Saffioti (1992) e Silva (1999).

Os autores, a partir de suas respectivas pesquisas, apontam que o perfil social dos imigrantes, sua identidade vinculada a raça/cor/etnia/nacionalidade e orientação sexual adquirem relevo político e analítico. Ao mesmo tempo que influencia na sociabilidade cotidiana, na atração de parceiros amorosos e acesso ao mercado de trabalho, o perfil social dos migrantes desafia a proposição de políticas articuladas e olhares interdisciplinares capazes de revelarem conexões entre gênero, sexualidade políticas migratórias, trabalho, direitos humanos, etc. O Dossiê apresenta o amálgama entre estas questões e ainda entre elas e a clássica migração interna de pequenos para grandes centros urbanos articulados à migração transnacional.

Na intersecção analítica entre lugares, sentimentos, valores, trabalho e orientação sexual torna-se mais perceptível o imigrante não reificado ou reduzido ao caráter econômico da mão de obra, ao indocumentado ou à estatística divorciada de análises qualitativas. Ao contrário, aquela intersecção permite perceber a presença da pessoa humana com contornos étnicos, políticos, à procura de trabalho, mas também portando valores culturais, visões de mundo, medos, coragem, contradições, anseios por uma liberdade sonhada, imaginada.

Assim, ao demarcar “identidade de gênero e sexualidade” como objeto de estudo no âmbito de um campo mais abrangente, o das migrações, não se busca isolá-las de outras questões como o trabalho, políticas migratórias, interculturalidade, direitos humanos, etc. Ao contrário, se faz necessária a articulação entre estes temas, pois a despeito das

especificidades entre classe, etnia, raça, cor, imaginário em intensidades diferenciadas, elas preenchem o cotidiano dos migrantes para obter documentos, expressar suas culturas, conseguir trabalho, moradia, estudos, etc. Eis aí, mais uma vez, oportunidades para o surgimento de áreas de intersecções sociais, políticas, culturais, epistemológicas que exigem análises e ações articuladas entre si.

Além desse Dossiê, esta edição de Travessia traz outros textos sobre o mundo das migrações discutindo temas como religião, cultura popular, perfis sociais de imigrantes haitianos atendidos na Missão Paz, uma resenha e um conto.

Em “*Daoismo e Migração: imigração taiwanesa como início do Daoismo no Brasil*”, Matheus Oliva da Costa nos fala sobre a história do Daoismo no Brasil a partir da presença de imigrantes chineses e taiwaneses no país. O autor destaca a articulação entre migração, religião e política mostrando como estas questões estavam vinculadas à tomada do poder político pelo Partido Comunista na China e sua conseqüente revolução cultural que, dentre outras medidas, restringia a prática religiosa de determinados grupos sociais. A partir da história de duas famílias taiwanesas no Brasil e o seu projeto de desenvolver o Daoismo, fortalece a constatação de que não se imigra apenas a força de trabalho. Imigram pessoas com suas ideias, costumes, culturas, sentimentos, crenças, religiosidade, etc. Matheus O. Costa observa que a prática do Daoismo sofreu algumas transformações e contribui para a interação entre imigrantes e a cultura brasileira através da literatura, do erguimento de templos e da formação de brasileiros para atuarem como sacerdotes. Nessa perspectiva, a história do Daoismo no Brasil mostra certa bricolagem entre tradição, modernidade e universalidade proporcionada pelo processo migratório taiwanês e a sua gradual interação cultural com a sociedade brasileira. Também ajuda a relativizar certo censo comum de que a imigração chinesa é muito fechada em torno de si mesma.

Amanda A. Gomes e Neusa F. Mariano fazem uma abordagem sobre “*As Manifestações da Cultura Popular Nordestina em Sorocaba - SP*” a partir das formas de organização territorial dos imigrantes e suas mediações com o poder público e a sociedade local. As autoras fazem um breve relato histórico sobre a presença e organização cultural dos nordestinos na cidade no contexto do desenvolvimento industrial. Elas destacam que a “desterritorialização” dos nordestinos e a sua “posterior

reterritorialização” não aniquilaram a sua cultura. Contudo, a falta de apoio institucional, as pressões sociais, as dificuldades sofridas por suas instituições como o CCTN- Centro Cultural de Tradições Nordestinas, a ambiguidade entre o reforço da tradicional “identidade territorial” nordestina e a sua negação através da afirmação de uma “identidade urbana” paulista como símbolo de “moderno”, contribuem para forjar uma cultura fragmentada, agregada de novas significações como valores comerciais. Sem ufanismos as autoras concluem destacando o processo de fragmentação dessa cultura seja pela falta de apoio político institucional, seja pela postura ambígua de seus portadores originais. O que é possível nessa realidade é a expressão esparsa, “restrita” e “marginalizada” da cultura nordestina em Sorocaba expressa em músicas, danças, artesanatos, culinária, festas e religiosidade sem, no entanto, se vincular diretamente ao CCTN.

O “*Perfil dos haitianos acolhidos na Missão Paz de janeiro à julho de 2015*” foi apresentado por Patrícia Nabuco Martuscelli e Dirce Trevisi Prado Novaes a partir da sistematização de registros cadastrais de 620 imigrantes haitianos que buscaram atendimento emergencial na Missão Paz, em São Paulo, entre janeiro e julho de 2015. Há tabelas e gráficos sobre o tempo médio necessário para chegar até São Paulo, idade, sexo, documentação, CTPS—Carteira de Trabalho e Previdência Social e ocupação laboral. Algumas dessas informações foram analisadas considerando o sexo, feminino ou masculino, dos imigrantes. As estatísticas apresentadas são informações privilegiadas para outras pesquisas. As autoras propõem algumas análises sobre os dados e apontam que a maioria dos haitianos está no auge de suas capacidades produtivas, com idade média de 33 anos. Também indicam desarticulações nas políticas institucionais que bloqueiam o acesso à documentação, a despeito da propalada política de acolhida a esses imigrantes.

Sidnei Marco Dornelas resenha o livro “*Humanitarian Crises and Migration: causes, consequences and responses*” organizado por Susan Martin; Sanjula Weerasinghe e Abbie Taylor. A obra resenhada procura diagnosticar e esclarecer a crise humanitária que vem destruindo instituições, sociabilidades, equilíbrio ambiental, produzindo medos, angústia e violências. Sidnei Dornelas observa que seus autores buscam “definir que tipo de fenômeno se trata. Eles reúnem elementos esclarecedores em torno de noções como “crise humanitária”, “migração

de crise”, “migrações forçadas”, “migrantes ambientais” e interpelam as suas relações com os Internal Displacement Persons (IDPs ou deslocados internos) e o estatuto do refúgio”. A despeito de apresentar limites em seu leque analítico, a obra constitui, sem dúvida, uma valiosa contribuição aos esforços de compreensão da crise humanitária e à formulação de alternativas políticas para superá-la.

E “*Ao fim dessa estrada*” traz uma história sobre o projeto migratório de uma família nordestina, nos anos 1960, contada por Lucas Florêncio. Resistindo à ideia corrente de que é preciso emigrar para alcançar uma vida digna, Manoel (Neco) reluta em deixar sua terrinha no árido sertão pernambucano e partir para o Sul, caminho do roçado para muitos sertanejos, como constatou Afrânio Raul Garcia Jr. (1990). Mas, por fim, Neco não resistiu aos clamores de Maria Muniz, sua mulher, que trazia sempre presentes as cartas que as suas comadres, retirantes das primeiras levas, lhe enviaram do Rio de Janeiro e de São Paulo, imaginados por ela não como o caminho do roçado, mas como símbolos do Sul Maravilha, da modernidade onde ela, Neco e seus filhos poderiam escapar à brevidade de suas vidas expostas à pobreza calcinante do sertão. Neco e Zé, seu filho mais velho, se enveredam na tortuosa estrada que ruma para o longínquo Sul. No meio da travessia, o inesperado e assombroso acidente que misturou tragédia, raiva, doçura, ingenuidade e a certeza de que, ao fim da estrada, meninos haveriam de se transformar em homens sensíveis e prontos para a “vida severina”.

Sérgio Ricciuto Conte, capista de Travessia, nos convida a uma mirada para imigrantes e refugiados sobre uma corda bamba. Seria uma figuração do permanente estado de insegurança social e pendência dos migrantes? Mas, é interessante notar seus objetos que irradiam cores, luzes anunciando ao mundo a necessidade de utopia e travessia para uma vida nova. E os migrantes contribuem para isto, pois trazem inscritos em seus corpos e pensamentos os símbolos de um novo mundo possível. A lua colorida na bagagem da pessoa sobre a corda nos inspira à convivência intercultural sem distinção de raça, credo, classe social, etnia, gênero e orientação sexual, posto que são frutos de nossas sociabilidades compartilhadas no fazer e refazer das possibilidades de travessias da condição humana. Boa leitura!

## Referências

- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Edufal/Unesp, 2010.
- BATTISTELLA, Graziano. Falhas e sustentabilidade do sistema migratório laboral temporário. São Paulo, *Travessia*, nº76, jan-jun, 2015.
- GARCIA Jr., Afrânio Raul. *O Sul, caminho do roçado*. São Paulo: Marco Zero, UNB, MCT CNPq, 1990.
- GAUDEMAR, Jean-Paul. *A mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- JACKSON, John A. *Migrações*. Lisboa: Escher, 1991.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- RAVENSTEIN, Ernest George. [1885] As leis das migrações. Trad. Hélio A. Moura. In: MOURA, Hélio A. (org.) *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 25-88, 722p.
- SAFFIOTI, Heleieth, “Rearticulando Gênero e Classe”. In COSTA. Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma questão de Gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SAYAD, Abdelmaleck. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp, 1998.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1999.